

Lágrimas se alternam com provas de força

Gerson Camarotti

Da equipe do **Correio**

Deslumbramento é o que não deve acontecer na passagem de Antônio Carlos pelo Palácio do Planalto. Hoje mesmo, ele segue para Salvador, onde passa o final de semana. Mas já pediu à FAB um desses jatinhos que servem aos ministros. Não quer aterrissar na capital baiana em um Boeing presidencial.

Amigos garantem que ACM não vai repetir episódios protagonizados pelo deputado Paes de Andrade (PMDB-CE) e pelo atual presidente da Câmara, Michel Temer. Em 1989, quando assumiu por alguns dias a Presidência da República, Paes de Andrade lotou dois Boeings de confrades políticos. O destino era Mombaça, pequena cidade do sertão cearense, terra natal de Paes. Na ocasião, ele inaugurou uma agência do Banco do Nordeste que já funcionava há seis meses e anunciou a construção de um açude que só fi-

caria pronto seis anos depois.

Já Michel Temer, quando assumiu a Presidência, em janeiro desse ano, não fretou um avião para visitar a pequena Tietê, no interior Paulista. Mas trouxe Tietê para o Planalto. Uma comitiva de correligionários dividiu com ele o sofá presidencial ao longo de um dia. A festa acabou com um banquete para 14 pessoas.

Há duas semanas, com os rumores de que o presidente Fernando Henrique vinha caindo nas pesquisas, crescia um movimento para que Antônio Carlos Magalhães funcionasse como um estepe. Caso Fernando Henrique chegasse aos 25% de intenção de votos até junho, um índice baixíssimo, ACM sairia candidato a presidente da República, quebrando a aliança do PFL com os tucanos.

“Não tenho dúvidas que esse é o momento de Antônio Carlos”, chegou a comentar com o próprio ACM o senador José Eduardo Andrade Vieira (PR), presidente do PTB.

Até pesquisas foram encomen-

dadas para avaliar o desempenho eleitoral de Antônio Carlos. Uma delas, publicada pela revista *Isto É*, mostrava que, com ACM no lugar do vice Marco Maciel, o presidente Fernando Henrique poderia evitar o segundo turno. “Não existe maior demonstração de apoio a Fernando Henrique do que essa que Antônio Carlos está dando. Ao ficar ineleável, coloca um ponto final nas especulações. Com esse gesto, ele acaba honrando um compromisso que o próprio Luís Eduardo havia assumido”, observa o senador Carlos Wilson.

COMPORTAMENTO

Desde que Luís Eduardo morreu, no dia 21 de abril, Antônio Carlos perdeu a sua alegria costumeira. Quando toca em algum assunto político que era do agrado do filho, Antônio Carlos faz sempre a mesma e constante observação: “O deputado gostava disso”, comenta, sem pronunciar o nome de Luís Eduardo.

Filho de Oxalá, o orixá supremo da religião iorubá, Antônio Carlos Magalhães, 70 anos, aprendeu cedo o melhor estilo de fazer política e adquirir poder: afagar e bater. Começou na política em 1954, como deputado estadual, pelas mãos do ex-senador Juracy Magalhães (UDN), uma de suas primeiras vítimas. “Fui mordido por um cão raivoso”, chegou a dizer na época Juracy. Médico e jornalista, Antônio Carlos foi em seguida deputado federal e prefeito de Salvador.

Nos anos 70, governou a Bahia por duas vezes. Em 1984, rompeu com os militares e apoiou Tancredo Neves, contra Paulo Maluf. Acabou ministro das Comunicações do governo Sarney. Eleito governador da Bahia, em 1990, e senador em 1994, Antônio Carlos ajudou o presidente Fernando Henrique a se eleger. Mas, logo no início do governo, voltou a apresentar o seu velho estilo chicote e afagos. Publicamente, disparava a sua metralhadora. “O governo não mostra o que faz, nem diz

o que pretende fazer”, chegou a dizer ACM, em fevereiro de 1995, logo após a eleição de Luís Eduardo para a presidência da Câmara.

No momento, o projeto pessoal de Antônio Carlos é o de se reeleger presidente do Senado. Para isso, ele já começa a mexer os pauzinhos. Em seu gabinete, já está recebendo apoio de todos os lados. No plano regional, ele deve enfrentar um grande problema: demonstrar que continua com o poder. A partir de 4 de outubro, com o fim das eleições, os aliados políticos do senador devem iniciar uma batalha interna para ficar com a herança política de ACM.

A prova de que ACM quer continuar comandando foi sentida recentemente, quando decidiu que César Borges sairia candidato ao governo, no lugar de Luís Eduardo. Com isso, impediu que o ex-governador Paulo Souto acabasse ficando mais influente que ele. Esse foi um recado explícito que ACM enviou para a Bahia: dizer que continua mandando.